



## Santo ofício na praia\*

Holy Office on the Beach

Nancy Rozenchan\*\*

Universidade de São Paulo | São Paulo, Brasil

nrozenchan@usp.br

**Resumo:** Apesar do peso de quase três séculos em nossa cultura, a Inquisição tem servido de tema na literatura brasileira. Este artigo analisa os romances: *Judeu Nuquim*, de Octávio Mello Alvarenga, que, de forma única, aborda a vivência, as dores e os anseios de um brasileiro, filho de cristãos-novos presos na Bahia; *A estranha nação de Rafael Mendes*, de Moacyr Scliar, que transporta o seu Rafael Mendes, por todas as épocas da história nos diversos países onde o povo viveu; e o conto cheio de humor “Visitação do Santo Ofício”, de Orígenes Lessa.

**Palavras-chave:** Santo Ofício. Inquisição. Literatura Brasileira.

**Abstract:** Despite its weight in our culture for almost three centuries, the Inquisition has sporadically served as a theme in Brazilian literature. This article analyzes the novels: *Judeu Nuquim* by Octávio Mello Alvarenga, which uniquely addresses the experience, dreams and desires of a Brazilian, a family of New Christians imprisoned in Bahia; *A estranha nação de Rafael Mendes* by Moacyr Scliar, which transports his Rafael Mendes through all periods of history in the various countries where he lived; and the humorous short story “Visitação do Santo Ofício” by Orígenes Lessa.

**Keywords:** Holy Office. Inquisition. Brazilian Literature.

Apesar do peso de quase três séculos em nossa cultura, a Inquisição tem, esporadicamente, servido de tema na literatura brasileira na atualidade. É o caso, por exemplo, do premiado romance *Judeu Nuquim*, de Octávio Mello Alvarenga,<sup>1</sup> que, de forma única, abordou a vivência, as dores e os anseios de um brasileiro, filho de cristãos-novos presos na Bahia. Nuquim representa uma parcela da história e dos valores que fizeram o Brasil-Colônia. Partiu da Bahia, dos tentáculos da Inquisição, e quando se estabeleceu nas Minas Gerais, empenhou-se no comércio plasmando sua brasiliade com seu judaísmo.

Nuquim não é só o judeu: um duplo seu, outro Nuquim, aparece quase no fim do romance: é o filho de seu cunhado, um curioso produto da fusão brasileira entre padre-índio e desbravador. Entretanto, não há lugar para esse legítimo filho das etnias da

\* Uma versão deste artigo foi publicada em: Rozenchan, 1992, p. 692-699.

\*\* Professora Sênior de Língua e Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>1</sup> Alvarenga, 1967.



terra, assim como uma geração antes não houve lugar para o judeu Nuquim que, para assumir sua identidade, voltara a Europa. Mas o Judeu Nuquim estava por demais ligado ao Brasil. Numa espécie de recompensa pelos anos de exílio, o velho Nuquim volta. O local não podia ainda conter dois Nuquim. Assim, o jovem Nuquim é assassinado, enquanto o judeu recuperará o lugar que lhe pertencera nesta sociedade.

Moacyr Scliar, escritor gaúcho, dono de uma vasta obra ficcional, também aborda a questão do cristão-novo em um dos seus romances. Ele transporta o seu Rafael Mendes, personagem central de *A estranha nação de Rafael Mendes*,<sup>2</sup> por todas as épocas da história judaica, nos diversos países onde o povo viveu. No Brasil, esse descendente de Maimônides é um cristão-novo que trava a luta dos brasileiros pela liberdade. Ao lado de Manuel Beckman está Rafael Mendes.

A temática da Inquisição na literatura brasileira extrapolou a questão dos cristãos-novos e a perseguição a esses judeus que foram convertidos obrigatoriamente. Enveredando por um caminho distinto, levado pelos acontecimentos dos últimos anos, Uilcon Pereira, em *Outra Inquisição*,<sup>3</sup> traz um certo Evaristo como personagem, representativo de categorias perseguidas, com suas muitas facetas híbridas. Encarnando personalidades da vida brasileira, ele enfrenta os procedimentos inquisitoriais do século XX.

Pereira apoia-se no grotesco para elaborar uma sátira ao mundo moderno e aos seus procedimentos inquisitoriais. Assim, o tal Evaristo, ora homem, ora mulher, pode ser num momento Evaristo Ferreira Neta, Evas Sapato Branco, Evaristo Gil, para citar alguns Evaristas que fazem seus próprios tribunais por intermédio dos meios de comunicação, ou pode ser também um Evary Beibi Dol. Há lugar para muitos Evaristas num Brasil inspirado nos acontecimentos de 1964 em diante. A repressão sistemática fez aguçar a violência, assim como a impunidade dos agentes do poder. Diante de episódios que traumatizaram a opinião pública, o escritor pendeu entre os polos de seu duplo compromisso, entre a criação artística e o levantamento verdadeiro e cru dos fatos. A violência nas relações humanas, em que tanto loucos como delinquentes ou dissidentes políticos passam pela “terapia” social do confinamento e do extermínio, leva à fragmentação do discurso e da textura literária; a linearidade da enunciação é quebrada.

A época, marcada pela violência física, superabundou prisões, torturas, assassinatos, confinamentos e exílios. Essas práticas foram tão devastadoras quanto a violência ideológica, com sua censura, ocupação de canais de informação e manipulação da opinião pública. Assim como na Inquisição, coube calar as vozes discordantes.

---

<sup>2</sup> Scliar, 1983.

<sup>3</sup> Pereira, 1982.



Em *Outra Inquisição*, perguntas e respostas, parte do processo inquisitorial, nem sempre se correspondem. Entretanto, os diversos focos narrativos mascaram um foco único, como em todas as obras em que só podem ser ditas as meias-verdades.

Cito dois exemplos que ilustram algumas destas posturas:

- ele mantinha sua dignidade, durante o longo interrogatório a que o submeteram?
- parece-nos que sim, não se dobrou facilmente a pressão dos inquisidores, respondendo na mesma oitava das perguntas e recusando-se a formular hipóteses cor-de-rosa a respeito da situação
- weismir, que doidagem!
- pode até ser que sim, porém contudo pode ser que nem tanto, eis a questão!<sup>4</sup>

Nesses dois diálogos, como em toda a narrativa, nem pontos, nem maiúsculas. Como nos tribunais inquisitoriais, nem a acusação é expressa, nem o acusador é identificado. A proposta existencial shakespeariana é contraposta à expressão interjetiva em iídiche, *wei is mir*, ai de mim!, que o autor grava em uma só palavra. Entre dor e medo, de um lado, e a busca de uma saída, por outro, numa situação em que, devido as circunstâncias, esta inexiste, a constatação de que tudo é uma “doidagem”, ou seja, algo inconcebível.

O jogo dialético se destaca, demonstrando a homologia entre o contexto social e o discurso literário, a polarização entre o bem e o mal, compatíveis com um texto fruto de períodos de repressão.

Evaristo não é cristão-novo, ou é, e hoje temos uma nova conceituação para a denominação: é um brasileiro do século XX, mas como aquele, deve, num universo de ambiguidade, responder pelo que fez ou que não fez.

A Inquisição não penetra na literatura sempre com aspectos tão trágicos em que práticas judaizantes acarretam graves penas, quando não, a morte. Mas os ingredientes da Inquisição – a visitação, o Santo Ofício, acusações injustas, práticas judaicas ou judaizantes – podem resultar também em textos mais amenos. Santo Ofício hoje? O que são práticas judaizantes? Portar um traje limpo no dia do descanso? Ou evitar as carnes proibidas?

Um texto de Orígenes Lessa pode ser um contraponto a essas publicações. Seu conto “Visitação do Santo Ofício” aparece na coletânea *Mulher nua na calçada*,<sup>5</sup> é um dos bons exemplos da sátira social que norteou sua extensa produção e enfatiza as

<sup>4</sup> Pereira, 1982, p. 103.

<sup>5</sup> Lessa, 1984.



características do brasileiro. Fiel às abordagens sutis que fizeram sua fama de cronista do cotidiano, Lessa cria uma “visitação” que mais é uma visita, um Santo Ofício que poderia ser definido como o brasileiríssimo “santo ofício” – com letra minúscula e entre aspas –, o “santo ofício” brasileiro da malandragem e da inércia. O cenário nada tem de lúgubre ou despojado, mas é a paradisíaca Lagoa da Ogiva em Cabo Frio dos nossos dias, com seus veranistas.

Os “acusados” não realizam práticas secretas de heresia: Pedro e Miriam, ambos médicos, são apenas judeus num país livre, tratando de ajudar, ou melhor, suportar uma pobre família de caseiros, motivados pelo amor que devotam ao seu pequeno filho, Agostinho. E o desfecho da tal Santa Visitação ocorre justamente numa sexta-feira da Semana Santa.

Espaço, tempo, ponto de vista, motivação para o desenvolvimento e desfecho do enredo, personagens, contribuem em igual proporção para a construção desse conto.

A ambiência cobre toda uma gama, de paradoxal inocência a hostil opressividade; a ambiência microcósmica serve à arquitetura, conveniente para criar um universo coeso. Como em outras obras de Lessa, há personagens que jamais vivem inteiramente contentes: inspiram, refletem ou condenam destemperos humanos. As figuras principais são caracterizadas por meio do diálogo, do monólogo ou do comportamento descrito. A cor local é garantida igualmente pela atmosfera vivida com o rebotalho humano que habita o universo peculiar do escritor. A visão da insensatez humana faz par com o persistente fatalismo. A recusa em encarar a realidade é séria e destrutiva. O prolongamento lógico das personagens hostis que, maliciosamente, causam mal umas às outras, é uma sociedade corrupta. Paralelamente, numa alusão específica a características brasileiras de libidinagem, logro, crueldade e desonestade, as personagens valem-se de invocações divinas, um denominador comum entre os aparentemente menos bafejados pela sorte.

O narrador, amigo de Pedro e Miriam, em cuja casa de praia se hospeda, relata as dificuldades de conseguir um casal de caseiros adequados. Depois de contratados os serviciais, cabe ao narrador a descrição deles e dos eventos que se seguem no relacionamento entre patrões e empregados, narração que se faz entremeada de confissões e testemunhos. José Aparecido e Ciomara são contratados. Aparecido faz parte do rol das personagens lessianas: jamais está contente, de alguma forma é um símbolo social e é um refinado preguiçoso. Para arrumar o serviço, o que seria quase impossível, pois a mulher estava para dar à luz, envia à casa de Pedro e Miriam uma sequência de maus candidatos ao emprego, e assim, quando ele surge sozinho, é admitido de imediato.

Com intenções que merecem uma análise, Lessa denomina essa personagem de José Aparecido. Além do brasileiríssimo José, ele “aparece” quando todos estão cansados de esperar por uma “salvação”, alguém que tomasse conta da casa. É um José e um



Aparecido típicos. A Maria desse José Aparecido, ou melhor, Ciomara, dá à luz poucas horas depois da chegada na nova moradia, que não é uma estrebaria, mas uma mansão à beira da praia, onde reinam a fartura e um mar paradisíaco.

Se o nome do menino não completa o quadro esperado, Agostinho, porque dava gostovê-lo, e aos seus olhos azuis, e aí vai uma boa dose de ironia e humor do autor, a adoração que ele goza por parte de todos e um dos epítetos pelos quais é chamado – Alegria da Terra – não deixam dúvidas sobre o seu papel. De fato, é devido ao pequeno Agostinho que a família do caseiro é sustentada e que Zé Aparecido é mantido no emprego.

Desde a matreirice para conseguir o serviço e a moradia, a relação dos casos mais ou menos corriqueiros relatados dá o seu retrato completo: irresponsável – quase o filho nascia na rua, aproveitador, preguiçoso, mal-agradecido, ingrato, mentiroso, dono de uma indolência que se transforma em insolênciam. O patrão, apesar de perceber tudo isso, mantinha Aparecido no serviço, por amor ao menino.

Pedro e Miriam, os patrões, são naturalmente personagens construídas em contraste e oposição aos empregados: médicos dinâmicos, com fama internacional, pacientes e tolerantes. Pedro é comparado a Jó, numa das diversas alusões bíblicas do conto. Segundo o narrador, ele tem uma paciência bíblica. Apesar de todo o luxo que concedem ao filho do caseiro – “um príncipe em Israel”, ainda nas palavras do narrador – é ao Dr. Pedro que é imputado um crime – o crime de ser judeu – ou judaizante, se considerarmos o título do conto, “Visitação do Santo Ofício”. Zé Aparecido vai sair do emprego, segundo suas próprias palavras, porque não quer que seu filho cresça entre ímpios, entre judeus. E o que é o judeu para o caseiro semianalfabeto, que só há pouco descobriu o que significa Sexta-feira Santa? Judeu, para ele, é o patrão que trabalha neste dia, que não respeita nem Sexta-feira Santa. O tal grande crime do Dr. Pedro era datilografar naquele dia.

O produto daquele trabalho: uma carta de recomendação que o próprio caseiro pedira, ainda que soubesse não a merecer. Em contraste com a eterna lassidão do empregado que arrastava o serviço durante a semana toda, o próprio ato de trabalhar já é um sacrilégio. O que dizer, então, quando isso ocorre num dia santo?

Na realidade, essa era a única e última desculpa que Zé Aparecido arranjara para deixar o abençoado emprego. Como na maior parte da obra de Lessa, a forte dose de humor irônico e sarcástico, às vezes quase patético, é que dá o sentido e toma a narrativa. O caseiro é que havia solicitado a carta de apresentação em nome do filho Gugu, pois o novo patrão desejava um autógrafo da famosa personalidade. Salvar uma alma, a do menino – uso aqui um conceito judaico bastante conhecido –, tem prioridade sobre qualquer outro ato. Se o patrão não podia transformar Zé Aparecido num homem trabalhador e responsável, valia ao menos tratar de salvar a criança da



inércia da família, sugerir que, por causa do menino, os pais tivessem um bom tratamento no novo emprego.

A carta seria um documento salvador. No entanto, o ciúme que o caseiro sentia do filho – o príncipe em Israel –, que poderia vir a se transformar num doutor, a ausência de qualquer laivo de culpa pela preguiça congênita, ou a burrice – no dizer da mulher –, e a raiva de ser repreendido para não fumar por causa do filho, o que mexe com seus brios de ignorante, virilidade e brasiliade, somam-se aos preconceitos e discriminações antigos ainda arraigados. Em vez de confessar que larga o emprego por burrice disfarçada de pirraça, Zé Aparecido diz ao também nordestino Esmeraldino que vai embora porque:

— Que dia é hoje mesmo? Sexta-feira! Sexta-feira o quê? Santa! Que espécie de sexta-feira? Santa, meu filho, santa! Eu descobri isso há pouco tempo, tá me entendendo? E é por isso que eu tô tirando o meu filho desta casa, tá me entendendo? Meu filho, pra crescê aqui? Nunca! Impiedade, não! Judaísmo, não!<sup>6</sup>

Citei o nordestino porque, se para Esmeraldino, na época de Jesus, “só tinha judeu”, para Zé Aparecido “tinha tudo quanto é raça. Até sergipano, que sergipano é povo muito antigo.”<sup>7</sup> E a divisão entre bons e maus, entre justiça e injustiça, entre trabalhar porque se é abrigado ou trabalhar sem necessidade, já vinha desde então.

Como é característico da obra lessiana, o diálogo ocupa importante função no processo dramático. É, por intermédio do diálogo, que Ciomara confessa a burrice e o ciúme do marido. É por meio do diálogo que Zé Aparecido deixa transparecer o seu íntimo. A respeito da própria vagabundagem, ele proclama: “— Ué! E eu tô aqui pra enchê barriga de patrão? Eu, hem?”<sup>8</sup>

O despeito aparece nesta outra resposta: “— Qué sabê de uma coisa? Se ele me pagasse dois milhão, mesmo assim eu dava o pira...”.<sup>9</sup>

Fazendo uso de outro fator constante em sua obra, a literatura de cordel, Lessa utiliza Zé Aparecido e o Dr. Pedro para desenvolver a dialética entre o real e o irreal, entre o bem e o mal, a riqueza e a pobreza. Do Dr. Pedro bonachão provém o mal, no pensar de Zé Aparecido, que no final do conto vai se resumir na acusação de que o patrão é judeu, ímpio; da riqueza do patrão provém sua miséria; no entender do manhoso caseiro, “raça de patrão nunca é flor que se cheire...”.<sup>10</sup> Em contraste com o seu

<sup>6</sup>Lessa, 1984, p. 136.

<sup>7</sup>Lessa, 1984, p. 139.

<sup>8</sup>Lessa, 1984, p. 138.

<sup>9</sup>Lessa, 1984, p. 137.

<sup>10</sup>Lessa, 1984, p. 118.



universo alagoano e, por uma pequena concessão, a Pernambuco e a Sergipe que, como vimos, é povo muito antigo, todas as demais “raças” são desmerecedoras de crédito: japoneses, americanos, europeus ou, em resumo, o patrão, no caso, judeu.

O universo de Lessa, onde a alma coletiva da cidade, o morro, os bairros pobres, os prostíbulos são retratados com um persistente fatalismo, tem seu lugar também neste conto. A alusão a características brasileiras como o logro, desonestade e crueldade, típicas da obra de Lessa, aglutinam-se em “Visitação do Santo Ofício”, justamente na Sexta-feira Santa, só que com o humor que lhe é típico, apesar da acusação disparada e disparatada contra Pedro, é o pequeno Agostinho, o ai-Jesus das duas famílias, que será condenado. Deixará de ser “um príncipe em Israel”. Por culpa e burrice do pai – “inquisidor”, Zé Aparecido. Assim como na Espanha inquisitorial, não há tanta infâmia em ser blasfemador, ladrão, vagabundo, sacrílego ou em estar infectado por qualquer outro vício quanto em descender da linhagem dos judeus.<sup>11</sup>

Ainda bem que Lessa escreveu com humor e o que sobra para o leitor é um sorriso, ainda que um tanto amargo.

## Referências

- ALVARENGA, Octávio Mello. *Judeu Nuquim*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.
- ALVES, Luiz Roberto. *Confissão, Poesia e Inquisição*. São Paulo: Ática, 1983.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Mouros, Franceses e Judeus*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- LESSA, Orígenes. *Mulher nua na calçada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LIPINER, Elias. *Santa Inquisição: terror e linguagem*. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.
- LIPINER, Elias. *O tempo dos judeus segundo as Ordenações do Reino*. São Paulo: Nobel/Secretaria do Estado da Cultura, 1982.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- LUCAS, Fábio. *História e ideologia da literatura*. São Paulo: Ícone, 1985.
- PEREIRA, Uilcon. *Outra Inquisição*. São Paulo, Edição do Escritor, 1982.
- POLIAKOV, Leon. *De Maomé aos Marranos*. Tradução: A. M. Goldberger Coelho e Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- RIEDEL, Dirce Cortes. *Meias verdades no romance*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
- SCLIAR, Moacyr. *A estranha nação de Rafael Mendes*. Porto Alegre: LP&M, 1983.

<sup>11</sup> Poliakov, 1984. p. 190.



SILVERMAN, Malcolm. *Moderna ficção brasileira*. Tradução: João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

-----

Enviado em: 10/04/2025

Aprovado em: 30/04/2025